



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

DAIANNE SILVA BARBOSA

O FEMININO NEGRO PELO CANTO DO CORDEL “ANASTÁCIA”

GUARABIRA – PB

2021

DAIANNE SILVA BARBOSA

O FEMININO NEGRO PELO CANTO DO CORDEL “ANASTÁCIA”

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso ao Departamento de Letras e Humanidades — CAMPUS III, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Suely da Costa

GUARABIRA – PB

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B345f Barbosa, Daianne Silva.
O feminino negro pelo canto do cordel "Anastácia"
[manuscrito] / Daianne Silva Barbosa. - 2021.
31 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2021.
"Orientação : Profa. Dra. Maria Suely da Costa ,
Departamento de Letras - CH."

1. Literatura de cordel. 2. Feminino. 3. Resistência. I. Título
21. ed. CDD 398.5

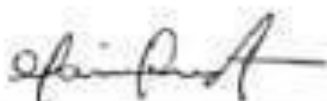
DAIANNE SILVA BARBOSA

O FEMININO NEGRO PELO CANTO DO CORDEL "ANASTÁCIA"

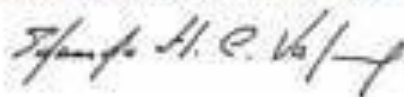
Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso ao Departamento de Letras e Humanidades — CAMPUS III, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Aprovada em: 19/05/2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dra. Maria Suely da Costa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Me. Francis Willams Brito da Conceição
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

A todos que acreditam em um recomeço e nos seus ideais, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo, dedico ao senhor meu Deus que sempre esteve comigo nas noites mais escuras, nunca desistiu de mim.

A Maria das Graças, minha mãe, por ser minha base e meu refúgio.

A meus irmãos e minha sobrinha, por serem minha base familiar: Daniele, Gracielly, Danilo e Eduarda.

A Joana Darc por estar sempre comigo na jornada universitária e da vida, e, por ser uma pessoa ímpar em minha vida.

A minha amiga Djeane por me incentivar a prosseguir nessa carreira profissional em meio a tantas dúvidas.

A minha amiga Luana por sempre dizer a realidade por mais dura que seja. À Dra. Prof.^a Maria Suely Costa por me incentivar na continuidade do curso, mesmo com tantas dúvidas sobre a continuidade do mesmo, seus conselhos me ajudou a ter objetividade para não desistir e por ser minha orientadora.

À autora Jarid Arraes, por em suas obras, mostrar a luta e a resistência das mulheres em busca por liberdade e seus ideais.

Ainda que eu andasse pelo vale da sombra
da morte, não temeria mal algum, porque tu
estás comigo (...).

(Salmos 23:4).

Que o desejo de ajudar o próximo consiga
sempre superar o egoísmo e a falta de
esperança no ser humano.

(Andresa Martins Vicentini)

RESUMO

O presente trabalho trata da representação do feminino negro na obra literária *Anastácia*, de Jarid Arraes, da coleção “Heroínas Negras do Brasil”. Tem o objetivo de analisar os aspectos de luta e resistência veiculados neste cordel biográfico. A importância de uma literatura brasileira que fale sobre a história do povo negro enquanto seus traços étnicos no processo de construção da nossa sociedade estão posta desde o século XVII, embora só ganhe presença significativa a partir do século XIX. Considerando o contexto socioeconômico e cultural do período escravocrata brasileiro, no qual viveu a mulher negra, podemos dizer que a representação da Anastácia pontua, em torno de si, a simbologia da resistência. Arelada à valorização dos aspectos positivos do negro, sua luta e resistência, a escritora negra acaba de pautar aos leitores contemporâneos, como motivo literário, por meio de dados históricos veiculados, uma mensagem de crítica à escravidão, ao racismo, ao machismo. Fundamentam esta leitura os estudos de Araújo (2019), Gomes (2017), Mattos (2016), Ribeiro (2019) dentre outros.

Palavras-chave: Literatura de Cordel. Feminino. Resistência.

ABSTRACT

The present work deals with the representation of the black female in the literary work *Anastácia*, by Jarid Arraes, from the collection "Black Heroins of Brazil". It aims to analyze the aspects of struggle and resistance conveyed in this biographical cord. The importance of a Brazilian literature that talks about the history of the black people while their ethnic traits in the process of building our society has been in place since the 17th century, although it only gained a significant presence in the 19th century. Considering the socioeconomic and cultural context of the Brazilian slave period, in which the black woman lived, we can say that the representation of *Anastácia* punctuates, around itself, the symbolism of resistance. Linked to the appreciation of the positive aspects of the Negro, his struggle and resistance, the black writer has just guided contemporary readers, as a literary motive, through historical data conveyed, a message of criticism of slavery, racism, machismo. This study is based on the studies by Araújo (2019), Gomes (2017), Mattos (2016), Ribeiro (2019), among others.

Keywords: Cordel Literature. Feminine. Resistance.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 LITERATURA E SOCIEDADE: DESIGUALDADE RACIAL E	10
RESISTÊNCIA NEGRA.....	10
3 A PRODUÇÃO LITERÁRIA AFRO-BRASILEIRA: UMA POÉTICA EM BUSCA	14
DO RECONHECIMENTO	14
3.1 LITERATURA DE CORDEL: ASPECTOS ESTÉTICOS E CONTEXTUAIS	19
4 ANASTÁCIA: O FEMININO NEGRO SOB ÓTICA BIOGRÁFICA.....	21
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS	28

1. INTRODUÇÃO

No decorrer da história da humanidade, as mulheres negras sempre foram vistas como objeto erotizado a serviço dos machos-senhores, característica de um passado escravo, duradouro e opressor. Mesmo sobre pressões, ameaças de violências, pela condição de subalternização, por vezes, essas mulheres resistiram à opressão, sendo esse o motivo de ocasionar a ira dos seus senhores, sendo assim castigadas. Esses castigos consistiam desde a chicotadas, torturas, estupro e até mutilações (DAVIS, 2016). Realidade, esta, posta em evidência pela lírica dos versos da autora Jarid Arraes na sua obra poética com foco na biografia da negra Anastácia.

O cordel intitulado “Anastácia” traz consigo uma desenvoltura linguística voltada para as questões étnico-raciais, descrevendo o período escravista com detalhes históricos do sistema escravista implantado no Brasil desde 1500, deixando traumas irreparáveis para os descendentes dos africanos.

Revisitar a história possibilita-se dar a conhecer aspectos da ancestralidade. E buscar ter acesso a isso por via de uma escrita literária feminina negra é compreender o quanto a literatura é capaz de alimentar o imaginário social. De modo que ao apropriar-se dela, tanto o autor como o leitor, tem a possibilidade de reconstruir um imaginário que se manteve excludente.

Neste caso, o estudo do texto literário se volta para o papel da mulher negra escravizada como símbolo de resistência. Uma vez que o cordel biográfico objeto de estudo conta a história de Anastácia, uma escrava que foi punida por rejeitar os assédios de um homem branco e por isso teve que usar uma máscara de ferro até o fim de sua vida.

No Brasil colonial, as mulheres, tanto brancas, como negras, eram vistas, nas diversas esferas da vida, como seres subordinados à figura masculina, de quem a mulher branca sempre recebia a proteção. Por sua vez, longe de qualquer privilégio no cotidiano da escravidão, as mulheres negras sofriam em demasia, pois além do trabalho na roça, do cuidado com animais e afazeres da casa-grande, ainda tinham que lidar com os assédios dos homens da elite, os senhores.

Conforme pontua Ribeiro (2019, p. 83), no contexto nacional, “as mulheres negras são sexualizadas desde o período colonial. No imaginário coletivo brasileiro, propaga-se a imagem de que são lascivas, fáceis e naturalmente sensuais”, esses são

alguns dos termos utilizados por grupos de homens machistas, que enxergam as mulheres negras como sendo objeto de desejo e domínio pessoal. Práticas de um contexto colonial ainda recorrente no contexto atual, uma vez não ser incomum as mulheres serem vistas como vadias, apenas porque usam roupas curtas, atribuindo ainda que esse tipo de mulher está pedindo para ser estuprada.

Partindo das discussões expostas, o presente trabalho busca verificar como se configura a história do povo negro e a importância de sua resistência a partir do texto literário em estudo, analisando como este retrata as formas de desigualdade ou preconceito sobre a mulher negra.

Para isso, a fim de enfatizarmos essa discussão, fez-se necessário fundamentarmos o texto com base A hipótese é que a linguagem literária, neste caso a poesia, pode auxiliar para transformar o pensamento retrógrado presente na sociedade que ainda insiste em defender o conservadorismo violento da época colonial hem Araújo (2011), Arraes (2017), Gomes (2017), Mattos (2016), Ribeiro (2019), Silva (2011), Silva (2016), entre outros, seja para compreender a História, as questões temáticas em torno do negro, o gênero literário em seus aspectos estéticos, temáticos e sua relevância no contexto e de ensino.

. Além disso, expor como a literatura de autoria negra, seja revisando a história e suas personalidades negras, vem crescendo e desconstruindo o posicionamento escravocrata em que as mulheres negras eram submetidas, sob o julgo da sexualidade, de um corpo a serviço.

2. LITERATURA E SOCIEDADE: DESIGUALDADE RACIAL E RESISTÊNCIA NEGRA

As particularidades históricas e sociais dos povos em geral dizem muito sobre eles. As diferenças e semelhanças entre os costumes e crenças, denominadas de cultura, essas, estão profundamente ligadas à construção de cada indivíduo na sociedade. A literatura tem um papel social bastante significativo enquanto produto que se estrutura tendo por referente à forma social (CANDIDO, 2006).

Por sua vez, a produção literária feita por negros e abordando a questão negra existente no Brasil, a qual denominamos literatura afro-brasileira (DUARTE, 2005, 2006) busca representar a cultura, a história do povo negro brasileiro. Essa literatura

vinculada à história ganha uma dimensão entre o passado e o presente, quando é lida e ressignificada pelos leitores, pois corresponde à construção de uma oralidade e escrita para um sistema dinâmico. Assim, falar em literatura afrobrasileira é falar, sobretudo, em representação.

Sabemos que o negro, principalmente no Brasil, durante o período da escravidão, foi visto apenas como um corpo servil, estruturado para trabalhar sem nenhuma remuneração, e mesmo após a abolição o olhar de muitos indivíduos “brancos” e racistas ainda tende a enxergar o negro como ser inferior, incapaz. Por isso, a literatura negra vem como mais uma forma de representação e afirmação do povo negro, no sentido de, assim como quaisquer outras pessoas, o negro também tem reconhecido sua história, cultura e luta.

A escritora Jarid Arraes como mulher negra nos transporta a essa experiência, por escrever, em sua literatura, os traços do quão cruel foi à escravidão, pois se trata de uma visão de pertencimento, de aproximação de uma realidade que foi vivenciada pelos povos dos quais a representa. Isso porque a “escre(vivência)”, termo cunhado pela escritora Conceição Evaristo (2005), traz implicações de dupla face, isto é, aproxima gênero e etnia, provocando reflexões acerca do tratamento dispensado às mulheres negras na sociedade e na literatura brasileira. (CAMPELLO, 2016)

A representação do feminino em produções da literatura afro-brasileira, a exemplo da escritora Conceição Evaristo, Jarid Arraes, entre outras, tende a não somente a fugir como negar os estereótipos, pois as imagens do corpo negro não se restringem à satisfação física do “macho-senhor”, nem somente à procriação, ambos resquícios de um passado escravo. As noções associadas às mulheres negras como um mal não redimido, infecundas e perigosas, na sua obra, são substituídas por uma escrita fundamentada na invenção de estratégias de afirmação no presente, a partir da conduta de suas antecessoras como um tributo as suas antepassadas.

Assim, podemos dizer que se tem uma escrita literária que lida com relações dialógicas entre margem/centro e objeto/sujeito. A ênfase recai, entretanto, em um processo de descolonização, uma vez que às personagens femininas é dado voz, uma forma concreta de revelar sua resistência à dominação colonial.

Com efeito, no Brasil, coube aos autores contemporâneos a formação de um fazer literário que representasse as várias etnias e culturas de uma terra miscigenada que carrega em sua história diversas heranças dos povos africanos, as quais foram

incorporadas na vivência da população brasileira ao longo dos tempos. Os cordéis de Jarid Arraes atuam dentro da literatura brasileira como uma quebra de padrões e estereótipos que a literatura canônica impôs ao negro em obras consideradas mais importantes da literatura no Brasil. O negro comumente era apresentado apenas como um ser de pouca linguagem, visto com conotações sexuais ou ainda muito cruelmente visto como apenas um corpo escravo, talhado para servir ao senhor branco.

Com a disseminação da literatura afro-brasileira esse apagamento dos negros na literatura tende a mudar, em prol de uma identidade negra que aborde a vivência, a resistência, a ressignificação, a cultura e a valorização da cor da pele dos afrodescendentes dentro da pluralidade da sociedade brasileira. O negro brasileiro foi, desde sua chegada ao Brasil, o grande responsável pelas resistências à escravidão e às lutas pelos direitos. Foram eles, também, que se organizaram e criaram diversos movimentos negros, lutando sempre por igualdade e respeito.

A exemplo desses movimentos foi o teatro Experimental do Negro criado para fortalecer os valores da cultura tradicional africana, para combater o racismo e para que os valores da personalidade do negro fossem respeitados no Brasil, iniciado por Abdias Nascimento, sempre fomentando a discussão em torno do racismo e do preconceito, o líder negro escreveu *Sortilégio* (mistério negro) (1979), *Dramas para negros e prólogo para brancos* (1961), *O negro revoltado* (1982), *Axés do sangue e da esperança* (1983), *O genocídio do negro brasileiro* (1978), *Sitiado em Lagos* (1981), *Orixás: os deuses vivos da África* (1995), e *O Brasil na mira do pan-africanismo* (2002). (PATROCÍNIO, 2018).

Outro marco importante para a representação do negro foi partir da década de 70 com o lançamento da série *Cadernos Negros*, publicação coletiva pelo grupo Quilombhoje de São Paulo, que tem como objetivo publicar e popularizar contos e poemas, além da literatura negra, conta com a produção literária das periferias, atualmente com 43 volumes, fomenta uma corrente crucial para consolidação da cultura afro.

A história de resistência do povo negro confirma a luta por valorização, inúmeras vezes, evidenciando as mulheres negras. Atualmente, notamos que estas mulheres estão cada vez mais resgatando sua autoestima e conquistando seu espaço na sociedade. Entretanto, ainda há muita discriminação e racismo, que precisam ser policiados, de antemão, é necessário ser feita muita disputa e os movimentos sindicais

e sociais estão a cada dia intensificando suas ações neste sentido, lutando sempre pelos direitos de igualdade e respeito. Assim, a defesa de políticas públicas que coloquem as mulheres negras trabalhadoras em condições de igualdade é, também, uma tarefa de todos.

Para Nogueira (2017), o racismo só pode ser compreendido como relação de poder, estruturado por dentro das instituições sociais, e sua superação não se faz sem a reforma destas. Racismo é uma relação que se estrutura política e economicamente. A escravidão nos legou o racismo como prática social dominante que liga ideologicamente os brancos, mantendo seus privilégios, enquanto é negada a cidadania aos negros e negras (NOGUEIRA, 2017).

A população negra do país tem sido subjugada, violentada e criminalizada desde a escravidão para saciar os interesses sociais e econômicos das classes ricas — fenômeno acolhido por leis cujos efeitos camuflam, revalidam e perpetuam a opressão. A propagação do discurso preconceituoso e discriminatório alicerça a narrativa para desqualificar a cidadania afrodescendente. O discurso da acomodação, que afirmava serem os (as) negros (as) acomodados (as) com sua situação e condição, os considerava vítimas com defeitos. Por isso, eram tratados como infantilizados e deles retirada sua humanidade. Desta forma, fez com que as desvantagens que se acumularam fossem associadas à cor da pele, de um povo dado à escravidão e mal ajustado. (MADEIRA; GOMES, 2018)

Com efeito, as relações étnico-raciais no Brasil foram historicamente silenciadas, ou instalara-se um verdadeiro mal-estar, posto que o grupo dominante não desejava abrir mão de seus históricos privilégios e lugares sociais. A saída foi o silenciamento ou o discurso que retira do campo do conflito e das contradições, em nome de uma harmonia legitimada pelo processo de miscigenação e da democracia racial, a qual afirma que negros e negras usufruíram de oportunidades e integraram-se à cultura e à comunidade nacional. (MADEIRA; GOMES, 2018)

Abordagens como essas camuflam uma realidade marcada por tensionamentos e racismo. A ideia da democracia racial¹, propagada como poderoso mito funcionava

¹ O mito da democracia racial não nasceu em 1933, com a publicação de “Casa-grande & senzala”, mas ganhou através dessa obra, sistematização e status científico (...). Tal mito tem o seu nascimento “quando estabelece uma ordem, pelo menos do ponto de vista do direito, livre e minimamente igualitária.” (BERNARDINO, 2002, p.251).

como instrumento ideológico de controle social, acabando por legitimar a estrutura, que vigora até os dias atuais, de desigualdade, discriminação e opressões raciais, que tendem a serem explicadas dentro do âmbito pessoal.

Segundo Telles (apud DOMINGUES, 2005, p.213),

a crença na democracia racial acabou na década de 1990, quando diversos setores da sociedade brasileira passaram a reconhecer o racismo e, ao mesmo tempo, surgiram pressões para que o Estado garantisse a efetiva cidadania para a população negra.

Mesmo assim, trata-se a questão estrutural de forma limitada às relações interpessoais, como pessoas que, por questões de ordem individual, são acomodadas ou complexadas. Esse fato impede que as situações de racismo e de opressão se transformem em questão social, pública, ficando reduzidas à esfera pessoal e não ganhando conotações políticas e coletivas, com explicações relacionadas à formação social, às estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais que se reproduzem nas práticas cotidianas. (MADEIRA; GOMES, 2018).

É pelo seu papel de comunicar à realidade social que a literatura, em especial a de cordel, adquire sua relevância em pautar aos leitores temáticas sociais. O entrelaçar existente entre a literatura e a sociedade, acaba fazendo uma ponte com os Direitos Humanos, destacando pautas relevantes às relações humanas tendo por questões raciais.

3. A PRODUÇÃO LITERÁRIA AFRO-BRASILEIRA: UMA POÉTICA EM BUSCA DO RECONHECIMENTO

Para Candido (1988) ele define literatura de uma maneira ampla, pois considera todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, estabelece alguns parâmetros que é necessário para analisar a complexidade da literatura, seria necessário atingir pelo menos três faces para que se realize, uma delas ela é a construção de objetos autônomos como estrutura e significado, outra é que ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a

visão do mundo dos indivíduos e dos grupos e por fim ela é uma forma de conhecimento. (CANDIDO, 1988).

Dessa forma a literatura vai além de ser um viés de luz auxiliar reflexão, não apenas de conhecimento, mas de cidadania funcionando também como um instrumento social, pois formam cidadãos conscientes a partir da reflexão que faz cada leitor, fazendo, assim crescer uma sociedade justa e igualitária.

De acordo com Duarte (2005), a literatura afro-brasileira apresenta tessituras, narrativas e versos comprometidos politicamente com histórias e elementos da memória ancestral e de tradições africanas e afro-brasileiras.

Nesse contexto, a literatura não caminha isoladamente. Vale frisar que a forte influência do Movimento Negro, responsável por denunciar crimes não mascarados, como é o caso do racismo, do menosprezo de classes, de raças² e de muitas outras lutas. Esse movimento tem uma enorme importância para a criação de direitos da pessoa negra, uma vez que o foco está em resolver seus problemas na sociedade abrangente, em particular os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural (PINTO, 1993). Diante do exposto, Nilma Lino Gomes, fala que

O Movimento Negro conquistou um lugar de existência afirmativa no Brasil. Ao trazer o debate sobre o racismo para a cena pública e indagar as políticas públicas e seu compromisso com a superação das desigualdades raciais, esse movimento social ressignifica e politiza a raça, dando-lhe um trato emancipatório e não inferiorizante.
(GOMES, pág.21, 2017)

Podemos observar que esse movimento é de grande importância para combater o racismo e conquistar direitos aos seus integrantes. No entanto, um outro elo em busca dos mesmos propósitos é quando o texto afrodescendente incorpora os versos em cordel a fim de enaltecer a luta perante as desigualdades.

A partir da influência de movimentos sociais a favor do negro, podemos dar destaque a literatura, sendo ela responsável por denunciar, com muita força, os

² O conceito de raça é definido como uma construção social, com pouca ou nenhuma base biológica. A raça é importante porque as pessoas classificam e tratam o “outro” de acordo com as ideias socialmente aceitas. Referenda-se, aqui, a posição de Edward Telles: “o uso do termo raça fortalece distinções sociais que não possuem qualquer valor biológico, mas a raça continua a ser imensamente importante nas interações sociológicas e, portanto, deve ser levada em conta nas análises sociológicas [e históricas]”. (TELLES, 2003, p. 38).

problemas enfrentados pela população negra, essa é apenas uma das várias vertentes e importâncias da literatura que se dá pelo dinamismo, pela elaboração e reelaboração, em pautar cada conjuntura histórica, suas diversas estratégias de luta a favor da integração do negro e erradicação do racismo na sociedade brasileira. Assim, falar em literatura afro-brasileira é falar em representação numa perspectiva do reconhecimento, aspecto este que permite a literatura poder abordar particularidades desde fatos históricos, até sociais, culturais e suas diversas variedades, tornando-se, assim, um campo riquíssimo de conhecimento.

A necessidade de compreender a literatura é fundamental para o desenvolvimento de suas diversas temáticas, partindo para o campo étnico-racial é necessário pensar nas formas que se desenvolvem a temática, ou melhor, nos autores, em especial os negros, pois como SILVA (2011) diz

... evidencia que a literatura negra, entretanto, não se caracteriza apenas pelos discursos sobre as dimensões específicas da condição do negro e pelas singularidades culturais, mas, acima de tudo, pelo sujeito da enunciação: há explicitamente entre escritores negros, que se declaram inserido na literatura negra, um empenho por inventar representações em que se revertam as que aparecem marcadas por exotismos e inferioridades. (SILVA, 2011, p. 95)

Para que ocorra uma construção literária, voltada para os negros, ou melhor, por eles, é necessário entender como é formado ou direcionado os seus intelectuais negros. Para isso, necessita-se conhecer seus trabalhos e como são desenvolvidos, assim como argumenta Silva

Por conta disso, escritores/as negros/as agenciam na escrita significações sociopolíticas e literárias que propõem outros paradigmas e interesses culturais e intelectuais. Isso, possivelmente, também justifica estudos, publicações, eventos, programas e núcleos, que surgem em ambientes acadêmicos, não acadêmicos e artístico-culturais, permitindo, segundo Miriam Alves (2002), que diferentes singularidades e proposições possam vir à tona na expressão literária. (SILVA, 2011, p. 95)

De fato, há na literatura afro-brasileira um eu/nós que se expressa, (auto) representando, por meio de simbologias e repertórios que insinuam deslocamentos de posições de negação e exclusão para vivências de promoção de empoderamentos,

também é dentro disso que se destacam suas ideologias que por sua vez é a razão de lutar.

Dessa forma, a literatura negra é imprescindível para a formação de um fazer literário que represente as várias etnias e culturas que se encontram no mundo, e, em especial no Brasil, uma terra miscigenada que carrega em sua história diversas heranças dos povos africanos, as quais foram incorporadas na vivência da população brasileira ao longo dos tempos. Assim é inegável dar destaque à literatura e a sua importância para o resgate da cultura africana.

Segundo Lima,

É claro que os longos anos de escravidão e as muitas tentativas de apagamento da cultura africana não conseguiram destruí-la. Como toda manifestação cultural, especialmente aquelas cujas bases de transmissão são orais, passou por vários processos de ressignificação, mesclou-se a outras influências culturais, transformou-se, sobreviveu. (LIMA, 2009, p.68)

Com isso, é possível entender o quanto é difícil manter essa cultura viva, por isso é importante valorizar movimentos culturais desse povo, assim como a literatura e ações que pautem, trabalhem a reconstrução dessa cultura, como é o caso da lei 10.639/03³, que torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, possibilitando um ensino que se fale da população negra, de modo que, deva ser explicado os reais motivos históricos dos negros serem inferiorizados, maltratados e mortos.

Segundo Evaristo,

Pode-se dizer que um sentimento positivo de etnicidade atravessa a textualidade afro-brasileira. Personagens são descritos sem a intenção de esconder uma identidade negra e, muitas vezes, são apresentados a partir de uma valorização da pele, dos traços físicos, das heranças culturais oriundas de povos africanos e da inserção/exclusão que os

³ Vale frisar que dentre esta, há outras leis que focaliza a obrigatoriedade do estudo de culturas e identidades não hegemônicas. Nesse sentido, temos a Lei 11.645/2008, que altera esta e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394/1996), ao propor, além da temática afro-brasileira, a inserção da Cultura indígena.

afrodescendentes sofrem na sociedade brasileira. (EVARISTO, 2009, p.19)

Apesar de toda discriminação, observa-se que a literatura negra está cada vez mais ganhando relevância na sociedade, dessa forma, o apagamento dos negros na literatura tende a mudar cada vez mais, em prol de uma identidade negra que aborde a vivência, resistência, ressignificação, cultura e valorização dos afrodescendentes dentro da pluralidade da sociedade brasileira.

O texto literário possui características transformadoras para o sujeito social, ele tem a responsabilidade de auxiliar no processo de educação, aprendizagem e formação do senso crítico. A literatura abrange vários campos que dão ênfase a formação do leitor, um deles está relacionado de forma direta/indireta com a temática étnico-racial, a exemplo do texto em estudo, o mesmo está atrelado nesse contexto a fim de expor a literatura negra e suas respectivas lutas contra o escravismo. É importante frisarmos que a produção literária de cordel em análise não é composta apenas de personagem negra, mas especificamente é produto de uma escritora negra, o que ganha um destaque nessa representação do feminino negro⁴. Válido salientar que a presença da mulher no cenário literário se tornou algo marcante para nossa sociedade, e que de tantas novas vozes da expressão feminina, destacamos a escritora Jarid Arraes, cuja produção literária abre espaços para discussões acerca da cidadania, machismo, direitos humanos, diversidade, questões raciais e de gênero.

Em nossa literatura brasileira textos oriundos de escritores negros cada vez mais tem surgido com o propósito de romper a imagem inferior do homem negro e principalmente a imagem da mulher negra. Dentro dessa perspectiva, é possível encontrarmos textos, ainda que sob o tema da escravidão, com a intenção de mostrar os embates vivenciados naquela época pelos negros, assim como narrativas poéticas que desconstruem e posicionam contra a ideia da democracia racial, de convivência pacífica.

⁴ A literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem que se assumir como negro. (DUARTE, 2011, p. 02)

3.1 LITERATURA DE CORDEL: ASPECTOS ESTÉTICOS E CONTEXTUAIS

De origem europeia, a literatura de cordel é hoje uma das mais importantes manifestações da literatura popular brasileira. O cordel está presente em todo o Brasil, mas é no Nordeste que mostra sua força e é lá que se desenvolveu da forma que conhecemos atualmente (LUYTEN, 2007).

Para além de ser uma fonte história, social e cultural, segundo Silva (2016) “O Cordel, por ter uma forma editorial de baixo custo, atingia várias classes tornando-se acessível a grande parte da população”. Assim é possível ver, os cordéis nas casas da maioria dos nordestinos, são cordéis que encanta e desencanta a população, tocando desde temas sensíveis, a própria comédia.

A Literatura e prática do cordel têm em comum o fato de agir sobre nosso mundo pela palavra, com a qual também criam novos mundos. Mesmo o cordel tendo chegado com os “portugueses” (Silva, 2016), é importante salientar que a partir dessa mesclagem, damos início a um novo período, ou melhor, novo estilo de cordel, pois o mesmo começa a tratar de questões envolvendo essa imensa diversidade de culturas, sendo elas a portuguesa, a africana e as indígenas.

Segundo Silva (2016):

Inicialmente introduzida como literatura colonial, trazia um retrato da metrópole portuguesa com temas europeus, que narravam epopeias de bravuras e conquistas. Posteriormente passou a ter influência das etnias existentes no Brasil, indígena e africana, com grande tradição na oralidade. (SILVA, 2016, p. 3)

Vale frisar, que essa mistura fez com que as características europeias, que antes era a característica de todas as construções, fossem se transformando e dando espaço para um novo estilo, não esquecendo de sua estrutura e sua forma de divulgação nas feiras, ainda hoje o pessoal que trabalha vendendo cordéis costuma divulgar os mesmos, com alto-falantes, que geralmente estão cantando alguns dos versos de determinados cordelistas.

É importante destacar sobre a estrutura desse gênero, pois o mesmo possui uma escrita realizada em forma rimada, podendo ter sua estrutura poética, segundo OBEID, 2020 classifica-se em: Quadra ou quarteto, compõe uma estrofe por quatro versos, algumas rimas mais comuns dessa métrica são entre ABCB; ABAB e ABBA. A sextilha compreende a uma estrofe que pode ter de seis versos e até sete sílabas,

muito popular entre os cordelistas. Comum em ABCBDB, porém não se descarta outras formas dessas rimas, que também são bastante apreciadas como por exemplo: AABCCB. A Setilha formada por sete versos, sendo rimada em XAXABBA, podendo conter de sete a dez sílabas por verso. A oitava composta por oito versos rimando entre AAABCCCB e AAABBCCB cada com sete sílabas por verso, há também nessa modalidade ABABCCCB que contém sete ou dez sílabas por verso, sendo que de dez é mais usada na cantoria de viola. A décima é formada por dez versos em ABABCCDEED, com sete sílabas por verso. Nessa modalidade também podemos destacar “martelo agalopado⁵” e “galope à beira-mar⁶”.

Na atualidade, é possível dizer que o cordel mantém algumas características de origem como função social educativa, de ensinamento, aconselhamento, e além da fruição, a informação. Apesar das mudanças do mundo moderno, o cordel acompanha as inovações ao longo do tempo e incorpora alguns elementos e mantém outros.

A literatura de Cordel possui características populares, mais especificamente, versos, rimas e linguagem coloquial, seguindo uma métrica ou não. O fato é que o texto em versos também assume um papel importante e de caráter informativo, isso porque sua linguagem informal facilita a compreensão por parte dos leitores, que na maioria das vezes é cativado por conta da escrita em rimas.

Pode-se dizer que o texto em cordel seja uma ferramenta a fim de instruir, unir e diminuir todas as desigualdades existentes entre as classes. Bosi (2015, p. 8) diz “[...] há mais de uma forma de resistência. A mais evidente é a poesia de crítica social, de ataque, de sátira. Mas não é a única”. A obra em estudo de Jarid Arraes traz uma versão crítica em versos cordelísticos, mostrando o quanto as mulheres negras seguem resistentes aos casos de racismo e preconceito.

A escritora é uma mulher negra, a mesma expõe os atos de violência, autoritarismo e preconceito vivenciados pela personagem que também é negra. A partir de então, o texto encaminha-se com a finalidade de que o leitor tenha a percepção para identificar que todos os versos em harmonia estão presentes em forma de denúncia e repúdio.

⁵ Quando estiver em 10 sílabas poéticas, a modalidade é conhecida por “martelo agalopado”. (OBEID, 2020, p.23) Cada verso da modalidade “galope à beira-mar” é composto de dois versos de 5 sílabas cada. (OBEID, 2020, p.23)

Sobre a cordelista em questão, Jarid Arraes, é da cidade de Juazeiro do Norte, cidade localizada na região do Cariri, interior do Ceará. Nascida em berço literário, desde pequena teve contato com o mundo dos cordéis, sobretudo pela influência do pai e do avô, ambos, cordelistas e xilogravadores. Cresceu dentro de manifestações da cultura nordestina e, à medida que foi crescendo, percebeu que o seu contato com obras escritas por mulheres era extremamente pequeno, situação que a fez pesquisar e conhecer mulheres que marcaram a história, não só na literatura, mas nas diversas áreas, principalmente as mulheres negras. A obra *Anastácia* de autoria da cordelista Jarid Arraes, pertencente à coletânea composta por 15 cordéis intitulada *Heroínas Negras Brasileiras*, que depois em 2017 é publicado em livro pela Pólen Livros. O projeto de caráter biográfico tem como foco mulheres negras que tiveram destaque na história. Além de *Anastácia*, destacam-se, a exemplo, Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira escritora de romance abolicionista, Tereza de Benguela a rainha do Quilombo de Quariterêre, Dandara dos Palmares líder feminina do Quilombo ao lado de Zumbi, entre outras.

4. ANASTÁCIA: O FEMININO NEGRO SOB ÓTICA BIOGRÁFICA

Figura 01- Anastácia



Fonte: <https://vejario.abril.com.br/wp-content/uploads/2020/08/2-Monumento-%C3%A0-voz-de-Anast%C3%A1cia-2019-detalle-Anast%C3%A1cia.jpg?quality=70&strip=info&resize=680,453>⁶

⁶ Recriação a partir de uma perspectiva afrofuturista do artista plástico Yhuri Cruz, que ressignifica à figura histórica de Anastácia pintada a mais de 200 anos por Jacques Etienne Arago. Leia mais em: <https://vejario.abril.com.br/cidade/monumento-voz-anastacia/>

A poesia de Cordel expressa a importância dessa arte como meio de comunicar a realidade histórica e formar uma consciência em torno de determinados assuntos. Passando por várias transformações, como por exemplo, a definição de sua estrutura formal até chegar à forma impressa (CAVIGNAC, 2006), a Literatura de Cordel tem sido de profunda relevância para a Literatura Brasileira, há muito tempo, formando leitores e mostrando ser uma literatura de qualidade estética e diversidade temática. É o que se pode ver no cordel “Anastácia”.

Como sabemos, o período da escravidão foi um momento da história, em que a população negra foi agredida, restringida dos seus direitos de liberdades, sem esquecer também dos abusos sexuais ou das mutilações sofridas. Em nome da economia, a força de trabalho dos negros, em terras brasileiras foi sistematicamente empregada pela lógica do abuso e da violência. As longas jornadas de trabalho estabeleciam uma condição de vida extrema, ao mesmo tempo, em que a força das armas e da violência transformava os castigos físicos em um elemento eficaz na dominação. É importante dar destaque às fugas, como a possibilidade de libertar-se dessa realidade, uma vez ser o desejo da maioria a tão sonhada liberdade que poderia ser adquirida nos quilombos. Porém, uma vez a empreitada não dando certo, os escravos que voltavam para casa eram castigados, conforme Mattos:

Se o escravo fugido era resgatado pelo proprietário, raramente escapava dos castigos físicos, que compreendiam desde a prisão no tronco, o açoitamento até o uso da gargalheira, uma espécie de coleira de ferro com hastes e ganchos acima da cabeça. (MATTOS, 2016, p. 130)

Vale frisar que as fugas era uma das formas de luta do negro contra a escravidão imposta dentro do sistema escravista, sabendo que a liberdade seria adquirida por meio desta ou a critério da alforria, entregue pelo proprietário. Esse não era um simples ato, pois a morte poderia ser uma das consequências de uma fuga malsucedida. Contudo, se ficasse, morreria de fome ou de castigos; então, o ato de fugir se tornava uma forma de resistência em busca da liberdade.

Durante o período da escravidão no Brasil, o negro foi visto apenas como um corpo servil, estruturado para trabalhar sem nenhuma remuneração. Mesmo após a abolição, o olhar de muitos indivíduos brancos e racistas ainda tende a enxergar o negro como ser inferior, um incapaz. Daí a relevância da linguagem da arte, assim

como a literatura de cordel, em seu papel de, além de prazer estético, informar. E, para além de informar, possibilitar a reflexão e a construção de uma nova percepção. Neste caso, o mote tende a ser sobre os infortúnios da escravidão para a mulher, a partir da protagonista biografada.

No cordel intitulado “Anastácia”, composto de sextilhas, a autora retrata como era a vivência das pessoas no contexto da escravidão, principalmente a mulher negra, apontando não somente as dificuldades enfrentadas, mas sobretudo a violência:

A história de Anastácia
É de uma grande tristeza
Que demonstra sem disfarce
E também sem sutileza O
que era a escravidão
Do racismo a malvadeza.

Antes de contar aqui
O que dela eu aprendi
É preciso lhes falar
Tudo aquilo que ouvi
Sobre ser sua existência
Muito incerta de assumir.

(ARRAES, p.2)

Pontuado no cenário de período escravista no Brasil, os versos retratam esse período caracterizando-o como uma época de “racismo a malvadeza”, já indicando o tom do enredo que se seguirá na “história de Anastácia”. Na “segunda estrofe citada, o eu-poético antecipa para o seu leitor o que, “sem disfarce” e sem sutileza”, “É preciso lhes falar/Tudo aquilo que ouvi”, remetendo aos saberes impressos no imaginário popular pelo viés da oralidade, uma tradição literária que representa um importante meio de resguardar a memória (ABREU, 1999).

No decorrer do Cordel, a autora mostra a situação de fragilidade que as mulheres se encontravam dentro desse sistema, pontuando que

Não há provas disponíveis
Documentos pra mostrar
Mas o pouco que se sabe
É melhor compartilhar
Pois seu grande sofrimento
Nós devemos memorar.

Mas a sua então beleza
Não lhe foi abençoada

Pois por branco abusador
 Foi Delminda violentada
 E por isso engravidou
 Depois que foi abusada.

(ARRAES, 2017, p. 2 – 3)

Tendo em vista o memoricídio ⁷, segundo a óptica de Báez (2010), (RAMPINELLI, 2013) ou seja, a eliminação dos registros comprobatórios, o eupoético recorre à memória como guardião dos acontecimentos. Nos versos seguintes, passamos a conhecer a situação de sofrimento pelo qual a mulher negra tem sido vítima dos abusos sexuais, fazendo da mulher um simples brinquedo sexual. Essa descrição é um retrato das histórias contadas desse período, pois as mulheres não tinham a opção de recusa, caso não fossem de acordo, a relação aconteceria e, após o ato de estupro, poderia ser a morte. Esse imaginário de violência precisa de ser dito e reforçado como uma prática danosa, que precisa ser negada, uma vez ser importante enfatizar, pois as mulheres negras ainda são vistas de forma ultrassexualizadas, conforme aponta Ribeiro (2019, p.83):

As mulheres negras são ultrassexualizadas desde o período colonial. No imaginário coletivo brasileiro, propaga-se a imagem de que são “lascivas”, “fáceis” e “naturalmente sensuais”. Essa ideia serve, inclusive, para justificar abusos: mulheres negras são as maiores vítimas de violência sexual no país.

Essa concepção de posse da mulher é tida como natural, já que o sistema escravista não permitia que se tivesse uma opinião contrária, sendo as mulheres maltratadas, estupradas e mortas, caso não ocorresse conforme os senhores queriam, uma vez que “As mulheres negras escravizadas eram tratadas como mercadoria, propriedade, portanto não tinham escolha (2019, p.84).

Protagonistas desse cenário escravocrata, a recorrência da prática não parece ser estranha, afinal o que aconteceu com a escrava Delminda, viriam a acontecer com sua filha a escrava Anastácia:

Sua filha, a Anastácia

⁷ O memoricídio, por sua vez, consiste na eliminação de todo o patrimônio, seja ele tangível ou intangível, que simboliza resistência a partir do passado. (RAMPINELLI, 2013, p.140)

Cresceu linda igualmente
 Tinha os olhos bem azuis
 Mas também infelizmente O
 destino da sua mãe
 Não lhe foi tão diferente.

Era Joaquim Antônio
 O tal filho da sinhá
 Que queria a Anastácia Por
 bastante a cobiçar

Mas ficou enraivecido
 Depois dela o rejeitar.

Com seu orgulho ferido
 Ele então quis castigar
 Perseguido a Anastácia
 Chegou-lhe a violentar
 E botou nela uma máscara
 Obrigando-lhe a usar.

(ARRAES, 2017, p.3)

Nessa construção posta pelos versos, tem-se uma visão mais ampla do papel do machismo, aquele que não aceita o “orgulho ferido”. A descrição da Anastácia como sendo uma mulher negra, de olhos azuis e cobiçada, independente dos adjetivos utilizados para descrevê-la quão bonita ela fosse, o fato de ser uma jovem mulher escrava já era mais que motivo suficiente para ela ser estuprada – a condição dada é do legítimo direito do branco sobre o corpo da mulher negra, um poder conceituado pela sociedade, no qual o negro era submisso aos senhores brancos, não tendo direito e nem voz, deviam se sujeitar à autoridade de seu proprietário.

Os versos citados deixam explícita a violência sexual para com as mulheres negras pelo homem branco abusador, para além de ser mão-de-obra para trabalhos forçados na roça e domésticos. Somadas a estas violações, a negação ao filho é outro fator exposto nos versos, mostrando as fragilidades humanas, desamparo e ilegitimidade com as mulheres negras. Condição esta que em muito pautou as atitudes extremas sejam de ousar a se recusar, se morta ou cometer o suicídio:

Por um lado, diante da condição difícil do cativo – dos castigos e das punições de seus senhores -, agravadas pelas distâncias de sua terra de origem e de seus familiares, muitos escravos viam no suicídio a única ou última forma de se livrar da escravidão. (MATTOS, 2016, p.130)

Sobre o quanto era violento e abusivo o período escravista, historiadores

dão conta de que as condições de escravização no Brasil eram as piores possíveis e a vida útil de uma pessoa escravizada adulta não duravam muitas décadas (BEZERRA 2020). Isso porque os maus-tratos vividos eram grotescamente exagerados, chicotadas, mutilação e adereços como máscaras e correntes, para um horrível castigo era o considerado “normal”. Nesse contexto, a bela Anastácia, filha de negra estuprada por homem branco, representava ser uma mulher forte, guerreira; sendo conhecida por reagir e lutar contra a opressão do sistema escravista. Assim, como punição, viveu Anastácia sob as agruras da máscara de ferro:

Essa máscara de ferro
 Que seu pescoço envolvia
 Lhe subia na cabeça
 Pela frente lhe descia
 E parava em sua boca
 Que apertada se cobria.

Além dessa crueldade
 Que Anastácia então viveu
 Ela passou por torturas
 E sem pausa ela sofreu
 Maltratada e humilhada
 Muito foi que padeceu.

Ninguém sabe a data certa
 Em que a escrava faleceu
 Mas se diz que foi gangrena
 Que no seu pescoço deu
 Pela máscara maldita
 Anastácia então morreu.

(ARRAES, 2017, p. 4)

Os versos biográficos sintetizam o que contam sobre a punição a Anastácia e seus efeitos: estuprada e amordaçada, foi obrigada a usar uma máscara de ferro que seria retirada apenas para que ela fizesse as refeições, e esta terminou por morrer de maus-tratos, em data ignorada. Anastácia, por sua luta contra escravidão, passou a ser reconhecida como um símbolo de luta, bravura, resistência (NASCIMENTO, 2016).

Outro aspecto de sua biografia, cantada nos versos, trata-se da crença em torno de si, ficando conhecida pelos milagres feitos. Segundo os relatos, a negra Anastácia tirava com a mão os males dos adoentado. Certa feita, salvou a vida do filho do fazendeiro que a violentou, tornando-se, assim, um símbolo de fé e devoção, de modo

ser cultuada no Brasil como santa e heroína⁸. Os versos a seguir remontam esses dados:

Dizem que foi Anastácia
 Numa igreja sepultada
 Mas que houve um incêndio
 Na igreja mencionada
 E qualquer informação
 Virou cinza, foi queimada.

Contam que era muito
 bondosa
 E até mesmo que curava
 Quem lhe chegasse doente
 Sem demora auxiliava
 Curandeira e carinhosa
 Mesmo estando machucada

(ARRAES, 2017, p. 4 - 6)

Diante do disso, tem-se neste cordel um quadro da história de uma mulher negra marcada de muito sofrimento e tristeza, mas não deixando de dar destaque a realidade vivida por esta que, mesmo em condições adversas, não se rendeu, se impôs e resistiu o quanto pode, trazendo para si um protagonismo de heroína negra.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratar da representação do feminino negro no cordel biográfico “Anastácia” de autoria de Jarid Arraes nos possibilitou compreender sobre o ser negro e ser mulher no contexto escravista brasileiro. Saber das condições de subalternidade e exploração, postas como normais em uma sociedade que carrega as marcas de um cenário colonial, machista e escravista, tende a ser muito relevante para se entender a postura da mulher negra que se protagoniza na história.

Os versos biográficos pontuam para o leitor os principais fatos, peripécias e feitos pelos quais a escravizada Anastácia passou sendo mulher bonita e cobiçada.

⁸ Ver sobre a “Escravizada Anastácia: a santa heroína em: <https://www.abayomijuristasnegras.com.br/post/aescravizada-anast%C3%A1cia-santa-e-hero%C3%ADna>.

Dentro desse cenário, ela é vítima e heroína. Se por um lado sucumbe face à violência do castigo imposto, por outro ressurgue nas evidências da resistência, da devoção e da fé.

Quando se busca sobre a formação histórica do país, a mulher negra frequentemente é negligenciada nos livros de história. Nesse campo, destaca-se a Literatura que, a exemplo do cordel, tem pautado para os leitores em contextos diversos um pouco da trajetória de protagonistas de nossa história, assim como fez a coletânea “Heroínas negras”.

Os versos aqui postos além de exporem à subjugação, a violação do corpo feminino, tornam explícita a ideia de que ser mulher é sinônimo de luta constante pela sua vida e suas vivências. A literatura de autoria feminina expõe que o papel do feminino vem mudando gradativamente.

Atrelada à valorização dos aspectos positivos do negro, sua luta e resistência, a escritora negra Jarid Arraes acaba de pautar aos leitores contemporâneos, como motivo literário, por meio de dados históricos veiculados, uma mensagem de crítica à escravidão, ao racismo, ao machismo. Revisitar a história e suas personalidades negras pode possibilitar novas reflexões e a desconstrução de percepções escravocratas em que as mulheres negras tendem a serem submetidas ao julgo da sexualidade, de um corpo a serviço.

Por fim, compreendemos que linguagem literária, neste caso a poesia, pode auxiliar para transformar o pensamento retrógrado presente na sociedade que ainda insiste em defender o conservadorismo violento da época colonial.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

ARAÚJO, Patrícia Cristina de Aragão. **REPRESENTAÇÕES DA LUTA E DA RESISTÊNCIA NEGRA NO QUILOMBO MANOEL CONGO NA LITERATURA DE CORDEL**. Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários. Volume 21 (set. 2011) – 1-136 – ISSN 1678-2054. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa>>. Acesso em 30 de agosto de 2020.

ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis**. São Paulo: Pólen, 2017.

ARRAES, Jarid. **Anastácia**. (Folheto impresso), 2017.

BRASIL. Constituição Federal de 1988. Promulgada em 9 de janeiro de 2003. Disponível em < www.planalto.gov.br > Acesso em 09 de novembro de 2020.

BERNARDINO, Joaze. “Ação afirmativa e a rediscussão do mito da democracia racial no Brasil”. **Estud. afro-asiát.**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, 2002.

BEZERRA, Juliana. **Escravidão no Brasil**. Toda Matéria, 2020. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/escravidao-no-brasil/>>. Acesso em 30 de outubro de 2020.

BOSI, Alfredo. **Poesia como resistência à ideologia dominante**. Revista Adusp: 2015.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antônio. Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. 6.ed. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda, 2000.

CAMPELLO, Eliane. **MATERNIDADE E VIOLÊNCIA EM “QUANTOS FILHOS NATALINA TEVE?”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**. XV abralic – experiências literárias textualidades contemporâneas, 2016. Disponível em: <https://abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491524767.pdf>. Acesso em 20 de setembro de 2020

PATROCÍNIO, Soraya Martins. **Abdias do Nascimento: política, poesia e teatro**. Literafro: portal da literatura afro-brasileira 2013. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/ensaistas/28-critica-de-autores-masculinos/461abdias-do-nascimento-politica-poesia-e-teatro-critica>>. Acesso em 22 de maio de 2021

HISTÓRICO dos Cadernos Negros. Portal Quilombhoje: **Cadernos Negros 40 anos**. Disponível em: <<https://www.quilombhoje.com.br/site/cadernos-negros/>>. Acesso em: 23 de maio de 2021

ANDRADE, Deri. **Conversa com artista: Yhuri Cruz e a ressignificação dos símbolos**. Disponível em: <<https://projetoafro.com/editorial/entrevista/conversacom-artista-yhuri-cruz-e-a-ressignificacao-dos-simbolos/>>. Acesso em: 26 de maio de 2021

CAVIGNAC, Julie. **A literatura de cordel no Nordeste do Brasil: da história escrita ao relato oral**. Natal: Ed. da UFRN, 2006.

CENTRO ANASTÁCIA. **ESCRAVA ANASTÁCIA: HISTÓRIA DE UMA PRINCESA BANTU**. Centro Terapias, 2020. Disponível em: <<https://www.centroanastacia.com/index.php/home/escrava-anastacia>>. Acesso em 30 de outubro de 2020.

DAVIS, Ângela; Mulheres, **Raça e Classe**; tradução Heci Regina Candini- 1. Ed. – São Paulo: Boitempo, 2016.

DOMINGUES, Petrônio, TELLES, Edward. Racismo à Brasileira: uma nova perspectiva sociológica. Trad. Ana Arruda Callado, Nadjeda Rodrigues Marques, Camila Olsen. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Fundação Ford, 2003. 347 p. In: **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 3, p. 211-214, 2005.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura, política, identidades**. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2005. DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura, política, identidades*. Belo Horizonte: FALE- UFMG, 2005.

DUARTE, Eduardo de Assis. 2005. “**Literatura e afro-descendência**”. Portal Literafro. Belo Horizonte: UFMG, 2004. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/conceituacao.htm>>. Acesso em 08 de julho de 2009.

EVARISTO, Conceição. **Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face**. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros e SCHNEIDER, Liane (orgs.). Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Editora Universitária, 2005. p. 201-212.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

LIMA, Carina Bertozzi de. **LITERATURA NEGRA – UMA OUTRA HISTÓRIA**. Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários. Volume 17-A (dez. 2009) - ISSN 1678-2054. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa>>. Acesso em: 07 de novembro de 2020.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>>. Acesso em 26 de maio de 2021.

VIEIRA, Antônio. Sermão de Nossa Senhora do Rosário. In: Sermões e textos online. Disponível em: <<http://www.geocities.com/athensatrium/2466/sermoes>>. Acesso em: 30 de dezembro de 2020.

LUYTEN, Joseph M. O que é literatura de cordel. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos; 317).

MADEIRA, Zelma; GOMES, Daiane Daine de Oliveira. **Persistentes desigualdades raciais e resistências negras no Brasil contemporâneo.** Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 133, p. 463-479, set./dez. 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/sssoc/n133/0101-6628-sssoc-133-0463.pdf>>. Acesso em 07 de setembro de 2020.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura.** In: _____. Vários Escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

MATTOS, Regiane Augusto de. História e Cultura Afro-Brasileira. 2.ed, 6ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2016.

RAMPINELLI, Waldir José Um genocídio. **Um etnocídio e um memoricídio praticados contra os povos latino-americanos.** – Santa Catarina, p. 139-142 2013.

NASCIMENTO, Thaís. **Anastácia: resistência negra santificada.** CEERT, 2016. Disponível em: <<https://www.ceert.org.br/noticias/historia-culturaarte/3526/anastacia-resistencia-negra-santificada>>. Acesso em 08 de agosto de 2020.

NOGUEIRA, Fábio. **Governo Temer como restauração colonialista.** *Le Monde Diplomatique Brasil*, Rio de Janeiro, p. 4-5, 9 jan. 2017.

PINTO, Regina Pahim. **O movimento negro em São Paulo: luta e identidade,** São Paulo, Tese de Doutorado, FFLCH-USP, 1993.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, Verônica Diniz da. **A LITERATURA DE CORDEL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DESSE GÊNERO NA SALA DE AULA.** X Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental – VII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufac.br/index.php/simposiufac/article/view/831/429>>. Acesso em 20 de setembro de 2020.

OBEID, César. **Como escrever versos de cordel.** O toque do Beija-flor, 2020.

SILVA, Ana Rita Santiago da. **Da literatura negra à literatura afro-feminina.** Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (Cachoeira, Brasil), 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/va.v0i18.50743>>. Acesso em 25 de outubro de 2020.

SILVA, Aline Luiza da. **TRAJETÓRIA DA LITERATURA INFANTIL: DA ORIGEM HISTÓRICA E DO CONCEITO MERCADOLÓGICO AO CARÁTER PEDAGÓGICO NA ATUALIDADE.** REGRAD - Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM - ISSN 1984-7866, [S. l.], v. 2, n. 2, june 2010. ISSN 1984-7866. Disponível em:

<<https://revista.univem.edu.br/REGRAD/article/view/234>>. Acesso em: 08 fevereiro de 2021.

TELLES Edward, **Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica**, Rio de Janeiro, Relume Dumará-Fundação Ford, 2003, p. 38.